



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 29/08/2025 e 04/09/2025

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>29/08/2025</b>	10,37	285,20	51,45	5,16	3,98
<b>01/09/2025</b>	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>02/09/2025</b>	10,25	275,50	51,97	5,13	4,03
<b>03/09/2025</b>	10,16	275,90	51,16	5,04	3,97
<b>04/09/2025</b>	10,12	279,40	51,23	5,02	3,99
<b>Média</b>	<b>10,22</b>	<b>279,00</b>	<b>51,45</b>	<b>5,09</b>	<b>3,99</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	122,00	
RS – Não Me Toque	122,00	
PR – Pato Branco	123,00	
PR – M.C.Rondon	119,00	
MT – C.N.Parecis	117,00	
MS – Maracaju	122,00	
GO - Rio Verde	119,00	
BA – L.E.Magalhães	123,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	64,00	
PR – M.C.Rondon	51,00	
PR – Pato Branco	56,00	
MT – C.N.Parecis	45,00	
MS – Maracaju	52,00	
SP – Itapetininga	59,00	
SP – Campinas	64,00	CIF
GO – Rio Verde	53,00	
GO – Jataí	53,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	75,00	
PR – M.C.Rondon	75,00	

Período: 03/09/2025

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 04/09/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,37	124,71	69,86

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
04/09/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	66,12
Feijão (saco 60 Kg)	175,63
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,38
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,49**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,37

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Junho/25, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja recuaram, em Chicago, nesta primeira semana de setembro. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (04) em US\$ 10,12, contra US\$ 10,28 uma semana antes. A média de agosto fechou em US\$ 10,05/bushel, registrando um recuo de 0,4% sobre o mês de julho. Já em comparação a agosto de 2024, a média melhorou em 2,1%.

Dito isso, as condições das lavouras de soja, nos EUA, no dia 31/08, se apresentavam com 65% entre boas a excelentes, 25% regulares e 10% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, na União Europeia as importações de soja diminuíram neste início do novo ano comercial 2025/26, que começou em julho. Nos dois primeiros meses do ano as compras ficaram em 2,29 milhões de toneladas, com recuo de 5% sobre o mesmo período do ano anterior. A soja brasileira é a mais importada igualmente pelos europeus. Neste caso, as compras europeias do produto nacional chegaram a 1,5 milhão de toneladas nos dois meses em questão, contra 1,49 milhão um ano antes. Já a soja estadunidense foi comprada em menor volume, ficando em 477.000 toneladas, contra 674.000 toneladas nos dois primeiros meses do ano anterior. Já as importações de farelo de soja brasileiro, pela UE, aumentaram para 1,78 milhão de toneladas, contra 1,6 milhão no ano anterior.

E aqui no Brasil, os prêmios continuam sustentando em parte os preços, já que o câmbio se manteve ao redor de R\$ 5,44 por dólar em parte da semana. Assim, as principais praças gaúchas trabalharam com valores de R\$ 122,00/saco, enquanto no restante do país os preços da oleaginosa oscilaram entre R\$ 117,00 e R\$ 123,00/saco.

Em paralelo, a iniciativa privada atualizou suas projeções para a futura safra brasileira de soja. Com expectativa de produtividade excelente, o volume final pode chegar a 178,2 milhões de toneladas em 2025/26 (cf. Stone X). Mas, em nosso entender, além de muito cedo, tais números são, por enquanto, bastante otimistas, já que é preciso esperar o comportamento do clima nas diferentes regiões do país. Neste sentido, no Mato Grosso já existem preocupações com a falta de chuvas e, segundo meteorologistas locais, o plantio da nova safra está iniciando (a partir do dia 7 de setembro o mesmo está autorizado, após o vazio sanitário) com a mais baixa umidade do solo nos últimos 10 anos. Sem falar nos constantes problemas de seca no Sul do país.

Neste contexto, o Imea, em seu último levantamento, manteve a área de soja no Mato Grosso em 13,08 milhões de hectares, com crescimento de 1,67% sobre o ano anterior. A produtividade média esperada é de 60,4 sacos/hectare (-8,8% sobre o ano anterior) e a produção final em 47,2 milhões de toneladas (recuo de 7,3% sobre a colheita passada). Mas o quadro ainda é de incertezas, pois além do clima existe a dúvida de quanto os produtores irão investir em tecnologia de produção diante do elevado custo de produção e os relativamente baixos preços da oleaginosa.

E no Rio Grande do Sul, segundo a Emater local, a área a ser semeada com soja em 2025/26, deverá sofrer um recuo de 0,8% sobre o ano anterior, devendo alcançar 6,74 milhões de hectares. Mesmo assim, diante de uma safra passada que quebrou em 27% sobre o ano anterior e quase 40% sobre o esperado, a expectativa é de que, em clima

normal, a produção se recupere, podendo atingir a 21,4 milhões de toneladas (+57,1% sobre o ano anterior), a partir de uma produtividade média que aumentaria em quase 60%, para atingir a 3.180 quilos/hectare (53 sacos/ha).

## MERCADO DO MILHO

Em Chicago, o primeiro mês cotado para o milho chegou a retornar à casa dos US\$ 4,00/bushel (US\$ 4,03 no dia 02/09), após 26 dias úteis abaixo deste nível, porém, não se sustentou e fechou a quinta-feira (04) em US\$ 3,99/bushel, contra US\$ 3,85 uma semana antes. A média de agosto ficou em US\$ 3,83/bushel, o que significou 5,7% abaixo da média de julho. Em comparação com agosto de 2024, a média de agosto de 2025 ficou apenas 1,9% superior, fato que indica uma longa estabilidade nas cotações do cereal em Chicago.

Dito isso, nos EUA, no dia 31/08, as condições das lavouras de milho se apresentavam com 9% entre ruins a muito ruins; 22% regulares e 69% entre boas a excelentes.

Por outro lado, as importações de milho brasileiro, por parte da União Europeia, nos dois primeiros meses do novo ano comercial 2025/26 (julho e agosto) mais do que dobraram, atingindo a 688.600 toneladas, enquanto o produto vindo dos EUA recuou para 286.800 toneladas no período.

E no Brasil, uma leve alta nos preços do cereal, em algumas praças, pode ser registrada. No Rio Grande do Sul, enquanto a média semanal ficou em R\$ 62,37/saco, as principais praças locais permaneceram praticando valores entre R\$ 59,00 e R\$ 60,00/saco. Já no restante do país, os valores oscilaram entre R\$ 45,00 e R\$ 64,00/saco.

As negociações com o cereal foram pontuais no mercado livre nacional, com os vendedores limitando a oferta na espera de preços melhores, enquanto a demanda esbarra no fato de pedidos de preços mais elevados pelos vendedores, sendo que muitos consumidores estão “recebendo lotes negociados antecipadamente e usando os estoques”. Estes, apostam que os preços voltem a ceder nas próximas semanas, uma vez que a produção brasileira elevada tende a resultar em estoques de passagem altos e o ritmo de exportação ainda está fraco, apesar da melhoria ocorrida em agosto (cf. Cepea).

E o plantio da nova safra de verão, ainda concentrada no Sul do país, teria atingido a 6,7% da área esperada no Centro-Sul do país até o dia 28/08, contra 7,7% no mesmo período do ano anterior (cf. AgRural). Por enquanto, o clima está normal nestas regiões, embora alguns problemas pontuais. Ao mesmo tempo, a colheita da safrinha estava praticamente encerrada no final de agosto (segundo a Conab, no dia 30/08, cerca de 97% da área nacional da segunda safra estava colhida).

Estima-se uma produção de 25,6 milhões de toneladas para a nova safra de verão nacional, o que seria 0,5% acima do colhido na safra anterior.

Já no Mato Grosso, segundo o Imea, a área de milho 2025/26 deverá crescer 1,8%, devendo atingir a 7,39 milhões de hectares. E no Rio Grande do Sul, a Emater local estima uma área semeada, na nova safra de verão, na altura de 785.000 hectares, com alta de 9,3% sobre o ano anterior. Em clima normal isso pode resultar em uma colheita de 5,79 milhões de toneladas, ficando mais de 9% acima do colhido no ano anterior.

Enfim, segundo o analista privado Safras & Mercado, o mercado brasileiro segue com lentidão de negócios, com os operadores avaliando a finalização da colheita da safrinha e o avanço da logística do cereal, travando a comercialização. Agora, o câmbio ganha mais atenção, pois para haver alguma recuperação mais consistente nos preços internos, o ritmo das exportações tem que aumentar bem mais. Por enquanto, o produtor não aceita vender abaixo dos atuais patamares de preços. Os fundamentos de mercado são baixistas para o cereal, porém, a reação dos produtores, se for mantida, pode segurar os preços nos atuais níveis. Já a Germinar indica que um fator de suporte dos preços está na forte demanda interna, com o consumo podendo alcançar entre 93 e 94 milhões de toneladas neste ano, contra 89 milhões de toneladas do ano passado. O setor de etanol poderá absorver cerca de 23 milhões de toneladas em 2025, chegando a 24 milhões no próximo ano. Hoje, o biocombustível já responde por quase 25% do consumo interno de milho, e a tendência é de crescimento, com novas usinas entrando em operação e garantindo maior absorção do excedente. E pelo lado das exportações, os embarques brasileiros somaram, até agosto, cerca de 8 milhões de toneladas. Em 2024, o Brasil embarcou quase 39 milhões de toneladas, e a expectativa para 2025/26 varia entre 35 e 40 milhões de toneladas. Em um cenário de produção total maior, próximo a 150 milhões de toneladas, seria necessário exportar até 56 milhões de toneladas para equilibrar a oferta, algo que tende a ser difícil diante da lentidão nas vendas atuais.

## MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, igualmente recuou nesta semana. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (04) em US\$ 5,02, contra US\$ 5,10 uma semana antes. A média de agosto fechou em US\$ 5,08/bushel, representando um recuo de 5,9% em relação a julho. Em relação a agosto de 2024, houve recuo de 3,6%.

Por outro lado, no dia 31/08, conforme relatório do USDA, a colheita do trigo de inverno, nos EUA, estava concluída, enquanto a colheita do trigo de primavera atingia a 72% da área total, contra 71% na média histórica para a data.

E na Argentina, chuvas importantes recuperaram os trigais, sendo que 99,5% das lavouras estavam em condições normais a excelentes. O vizinho país semeou 6,7 milhões de hectares de trigo, esperando-se uma produção final de 19,8 a 20 milhões de toneladas. No ano anterior foram semeados 6,3 milhões de hectares, resultando em uma produção final de 18,6 milhões de toneladas (cf. Bolsa de Cereais de Buenos Aires).

E a Austrália espera colher 33,8 milhões de toneladas de trigo neste ano, após revisão das estimativas. Esta produção ficará 22% acima da média de 10 anos naquele país. Como informação adicional, a produção australiana de canola, em 2025/26, está estimada em 6,4 milhões de toneladas, com um aumento de 1% em relação ao ano

anterior, e a produção de cevada deve aumentar 10%, para 14,6 milhões de toneladas, segundo o Ministério da Agricultura local.

E aqui no Brasil os preços continuam estacionados em R\$ 70,00/saco no Rio Grande do Sul e R\$ 75,00/saco no Paraná.

De forma geral, os moinhos estão abastecidos e as negociações de trigo em grão seguem limitadas. Os vendedores com necessidade imediata acabam cedendo nos valores pedidos, enquanto moageiras bem estocadas ofertam preços ainda menores. Além disso, a proximidade da entrada de maior volume da safra 2025, as boas expectativas de produtividade, a taxa cambial em patamares mais baixos e a ampla oferta mundial reforçam a pressão sobre as cotações internas, indicando preços mais baixos logo adiante. “Em agosto/25, a média mensal no Rio Grande do Sul foi de R\$ 1.291,08/tonelada, queda de 2% frente a julho/25 e de 12,2% em relação a agosto/24, em termos reais (deflacionamento pelo IGP-DI). No Paraná, a média foi de R\$ 1.433,50/tonelada, com baixa de 2,9% no comparativo mensal e de 9,4% no anual. Em São Paulo, os recuos foram de 4,6% e 12,6%, respectivamente, com média de R\$ 1.431,12/tonelada em agosto/25. Em Santa Catarina, a cotação média foi de R\$ 1.432,41/tonelada, com recuo de 0,6% e 7,6%, nesta mesma ordem” (cf. Cepea).

O plantio gaúcho de trigo indicou um recuo de 9% na área, com a mesma totalizando 1,2 milhão de hectares. O recuo se deve ao alto custo de produção e às incertezas do clima, além de dificuldade de acesso a crédito pelos produtores. Na região de Passo Fundo, segundo a Emater local, “o investimento na lavoura é de em média R\$ 4.000,00/hectare, o que equivale a mais de 60 sacos/ha. Lembrando que a média regional nas últimas safras ficou entre 60 e 62 sacos/ha. Para 2025 o potencial é de 70 a 80 sacos/ha, desde que o clima ajude, pois conta também a qualidade do grão. Tanto é verdade que trigos com PH acima de 78 recebem o valor de mercado, hoje entre R\$ 69,00 e R\$ 70,00/saco. Abaixo de 75, podem ser vendidos por menos da metade, em torno de R\$ 40,00/saco, quando destinados à ração.

Vale destacar que a cultura, no sistema produtivo da propriedade rural, contribui para a cobertura do solo, controle de plantas daninhas e descompactação, preparando o terreno para as culturas de verão. Além disso, a novidade neste ano é que o grão poderá ser utilizado pela indústria de etanol. Em Passo Fundo, a nova fábrica da empresa Be8 deve absorver parte da produção que não atinge o padrão de qualidade exigido pelos moinhos. O trigo com PH abaixo de 70, por exemplo, poderá ser negociado entre R\$ 50 e R\$ 60 pela indústria de etanol.

Enfim, para a maioria dos produtores gaúchos, nos últimos cinco anos só houve uma safra com rentabilidade, enquanto as demais deram prejuízos. Assim, o trigo, que sempre foi uma alternativa de inverno, está perdendo esta condição em função dos altos custos de produção e do clima. O problema é encontrar uma alternativa de inverno que se equivale ao cereal, considerando todas as variáveis.